

LISBOA, 5 de Julho de 1919

REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA. □ □ □ □ □ □ □ □

ANO IV SUMARIO: N.º 73

NUMERO AVULSO
6 CENTAVOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA
DA REVISTA DE TURISMO.

A «Revista de Turismo» e o seu terceiro aniversario—A «Revista de Turismo», novo ano—Na Santa Causa, por Fernando Mendes—A minha contribuição, por Magalhães Lima—No aniversario da «Revista de Turismo», por Pedro de Oliveira Pires—Ao correr da pena: E' bom sahir, por A. de Souza Bual—Saudado, por Ramos de Paiva—No novo aniversario, por José d'Athayde—O problema hoteleiro, por M. Emygdio da Silva—Arte e Literatura—A ação do Bureau de Paris, por Guerra Maio

Assinaturas
(PAGAMENTO ADEANTADO)
ANO..... 1\$40
SEMESTRE..... \$70
ESTRANGEIRO—ANO 3\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: L. BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. da Abegoaria) — TELEF. 2337—LISBOA



LISBOA
Largo de S. Julião, 1 a 6
P. do Municipio, 35 a 38

BORGES & IRMÃO

PORTO
Sã da Bandeira
Bomjardim

BANQUEIROS

Compra e venda de cambias. Moedas de todos os paizes. Papeis de Credito nacionais e estrangeiros.

RIO DE JANEIRO — Rua da Alfandega

Achat et vente d'effets commerciaux sur l'étranger. Monnaies de tous les pays. Fonds publics.

Nunes & Nunes, S.º
CAMBIOS
E
PAPEIS DE CREDITO
COUPONS.
CHEQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
End. telgr.: «DOISNUNES»
TELEF. 2108 Central
95, Rua do Ouro, 97 - LISBOA

GRANDE HOTEL DO PORTO

R. de Santa Catharina, 163 UM DOS MAIS IMPORTANTES E MODERNO DO PAIZ
Telephone 59 — Endereço telegr. GRANDTEL Proprietario—José d'Oliveira Basto
Instalações confortaveis, hygienicas e alegres. Amplos salões de jantar, leitura, recepção e magestoso Hall. Grande terrasse com vistas sobre a cidade. Todos os lavatorios com esgoto e agua corrente, quente e fria. Quartos e apartamentos com banhos e W. C. ao preço de 2\$000 e 12\$000 réis, por dia e por pessoa.
Chauffage central Tem sido frequentado por varios chefes de estado e por muitas notabilidades de todo o mundo. Ascensor electrico

S. I. C.

SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE
CHOCOLATES LIMITADA
ANTIGA
União e Frigor
Fabrica:
RUA 24 DE JULHO
76 A 76-D
LISBOA
TELEPHONE 1367 Central
Adresse telegrafico: BONBONS

VIERLING & C.ª
Cambios,
Papeis de credito,
Ordens de boisa e Loteria
104, R. do Commercio, 106
17, Rua Augusta, 19
LISBOA
Telef. 2873 End. FUNDOS

Packard

12 CYLINDROS (Twin-Six)

A ULTIMA PALAVRA EM AUTOMOBILISMO

AUTOMOVEIS DE GRANDE LUXO

O MAIS SILENCIOSO, COMODO E ELEGANTE

AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL

Orey Antunes & C.ª L.ª

4, Praça dos Remolares, 4
LISBOA

PORTO
62, L. de S. Domingos

SERRALHERIA CENTRAL
DE
JULIO FERREIRA DO GOITO
Trabalhos de Construcção Civil e Mechanicos
9, Rua da Trombeta, 11
LISBOA

A maior fabrica portuguesa de
Chocolates e Cacaos
Os mais finos
Bonbons e Drops
TORREFAÇÃO E MOAGEM

LOTERIAS COMPLETO SORTIDO DE BIHETES E FRAÇÕES PARA TODAS AS EXTRAÇÕES.
SORTES GRANDES. FREQUENTES.

Gama

ANTIGA CASA
MANAÇAS
49, Rua do Amparo, 49
LISBOA

Banco Nacional Ultramarino

CAPITAL 12.000 contos RESERVAS 12.500 contos

Séde em LISBOA: RUA DO COMERCIO, 74

Filial no PORTO: Praça da Liberdade

FILIAES NO BRAZIL

RIO DE JANEIRO (Rua da Quitanda)
SUB-AGENCIA: P. 11 de Junho (Cidade Nova)
PERNAMBUCO, BAHIA, CAMPOS, S. PAULO, SANTOS, PARA' E MANAUS

FILIAES NA EUROPA

PARIS, 8 Rue du Helder (IX)
LONDRES, 27th Throgmorton Street, E. C. 2

Filiaes em todas as capitais e cidades importantes do ULTRAMAR

Correspondentes em todas as cidades do mundo e nas principais localidades do Continente e Ilhas

Depósitos á ordem e a prazo.
Saques e ordens de pagamento sobre o estrangeiro.
Operações bancarias em todos os generos com as colonias, continente, Brazil e estrangeiro.
Saques e cartas de credito directas e circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

ESTANCIA VIDAGO DE VIDAGO

ABERTO DE 1 DE JULHO A 30 DE SETEMBRO

Novo estabelecimento fisioterapico

BANHOS d'immersão d'agua comum, banhos d'immersão d'agua comum se quidos de fricção d'agua de colonia, banhos alcalinos naturais, banhos alcalinos aromaticos ou de Pennés, banhos glicerizados, banhos d'amido, de illa e sêneas, terebentinados, gelatinosos e de vapor. Duches frios, quentes e escocesos de agulheta, circulares e de chuva. Duches ascendentes rectaes e vaginaes, irrigações nasaes e faringias, inalações e pulverizações, applicações feitas com agua alcalina e com os mais aperfeçoados e modernizados aparelhos. Massagens secas e submarinas por massajistas dos dois sexos, devidamente diplomados. Desinfectação pelo vapor dos aparelhos e roupas. Luxo, elegancia e asseio. Os serviços hidroterapicos são dirigidos pelos medicos da estancia. Ias separadas para o serviço termal de senhoras e homens.

VIDAGO-PALACE-HOTEL

BEM CONHECIDO COMO UM DOS MELHORES DA EUROPA
MODELAR EM LUXO, ORDEM E CONFORTO

GRANDE HOTEL DE VIDAGO

ANTIGO E AFAMADO HOTEL

Medicos permanentes / DIRECTOR—Dr. Tanreiro Sarzedas
ADJUNTO—Dr. Annibal Fernandes

Correspondencia e informações:

VIDAGO

LISBOA - Avenida da Liberdade, 124
PORTO - R. Candido dos Reis, 93

De LISBOA a VIDAGO já se pode fazer a viagem n'um só dia

Quem tomar lugar no comboio rapido para o Porto, que ás treças, quintas e sabados, sai da estação de Lisboa ás 8.30 minutos da manhã e chega á estação de Campanhã ás 4.13 da tarde, tem ás 4.58 d'essa mesma tarde um comboio que sai de Campanhã, e chega a Vidago á meia noite. Para o regresso, identica combinação ha feita, nas segundas, quartas e sextas feiras.

Banco Portuguez e Brasileiro

CAPITAL 3.500.000\$00
RESERVAS 1.405.000\$00

SÉDE: RUA AUGUSTA, 34—LISBOA
FILIAL: P. ALMEIDA GARRETT—PORTO

Agentes em todo o Paiz
CORRESPONDENTES EM TODAS AS
PRINCIPAES PRAÇAS DO MUNDO

DEPÓSITOS Á ORDEM E A PRAZO em moedas portuguezas e estrangeiras

COMPRA E VENDA DE CAMBIOS

OPERAÇÕES BANCARIAS de todos os generos

Cartas de Credito e circulares sobre todos os paizes

MINDELLO

Companhia de Seguros

CAPITAL 600.000\$00

Séde em Lisboa
80, Rua Nova do Almada



Tele { phones / Administr. C. 991
Exped. C. 1144
grammas: AMINDELLO
Codigos A B C 5th ed.
e RIBEIRO

Delegações em
PORTO, ALGARVE,
COIMBRA E MADRID

Seguros em todos os Ramos

CINE-REVISTA

PUBLICAÇÃO LITERARIA, MENSAL, CONSAGRADA A ASSUNTOS DE CINEMATGRAPHIA.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, PROVISORIAS
Chiado Terrace—LISBOA
Numero avulso \$10 cent.

CALDAS DO MOLEDO

NOVO HOTEL VILHENA

Montado a pedido e reclamações dos Srs. aquistas, o unico de construção moderna, com as comodidades em todas as ordens, tratamento vegetariano com e sem dieta, sala de jantar com mesas pequenas, salão de festas, e vistas com piano. Serviço de 1.^a ordem feito com a maior attenção do seu proprietario. O mais distintamente frequentado. O mais preferido pela Colonia brasileira, o unico com jardim para refeições ao ar livre. Podendo os Srs. aquistas utilizar-se do serviço em Lamego sem augmento de preço. O hotel e situado a 50 metros do estabelecimento balneario. Carruagens a todos os combios e representante para as devidas informações.

E' sempre conveniente prevenir aposentos, e esperar a sua confirmação.
Presenem-se os Srs. aquistas não tomarem outro hotel sem verem este.
SUCURSAL EM LAMEGO **Novo Hotel Vilhena**
Proprietario—JOSÉ LOPES VILHENA

Peçam sempre os VINHOS

AMARANTE

DEPOSITO
R. do Arsenal, 114—LISBOA TELEF. 288-C.

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Agente Commercial da Comp.^a dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta
TRANSPORTES INTERNACIONAES—MARITIMOS E TERRESTRES
TRANSITOS—DESPACHOS—SEGUROS—EMBALLAGENS
DEPOSITO DE MERCADORIAS
TELE phone 1354 Central
grammas «Transportes»—Lisboa
ESCRITORIO—R. Aurea, 184, 1.^o
LISBOA (PORTUGAL)

CALDAS DE MONCHIQUE

Clima delicioso, Aguas magnificas e Paisagem soberba

TRATAMENTO de reumatismo, doenças de pelle, estomago e doenças chronicas.

DIRECTOR: Dr. Bentes Castel Branco

Hotels CENTRAL e POPULAR, Club e Passeios

Caminho de ferro do Sul, estação de PORTIMÃO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 5 DE JULHO DE 1919

N.º 73

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

ANO... .. 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . \$70 ANO..... 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

A «REVISTA DE TURISMO»,

E O SEU TERCEIRO ANIVERSARIO

COM a publicação do presente numero entra a *Revista de Turismo* no seu quarto ano de existencia.

Coincide esse facto, por um feliz acaso, com a celebração da Paz, que acaba de pôr termo á maior hecatombe dos ultimos seculos; e isso é motivo para, antes de quaesquer apreciações sobre a vida d'esta publicação nos três anos já decorridos, consignarmos aqui o nosso mais vivo contentamento em harmonica conjugação com as expansões de alegria que por todo o mundo esse solenne acto fez manifestar.

Soou, felizmente, já, a aurora redemptora da liberdade para aqueles cujo dever não conheceu limites, para os que durante quatro longos anos suportaram, com coragem inaudita, quasi com extremos inconcebiveis, a maior opressão moral, todo o horror d'uma lucta em que, se muitos se cobriram de gloria pelos seus ousados feitos, outros, não menos heroicamente, verteram o seu sangue em holocausto ao maior e ao mais sagrado dos sentimentos — o amor patrio; á mais intangível e á mais sagrada das aspirações — a defeza da Patria!

Bemditos sejam!

Por toda a parte esse facto teve uma especial consagração, não tão grande, não tão sentida nem tão comprehendida como devia sêr, pois a sua grandeza e o seu verdadeiro significado exigiam que essa celebração fosse mais expontanea, mais entusiastica e sincera, e que ultrapassasse o limite das festas officias em que as praxes protocolares abafam o ruido das expansões justas.

Apenas na França, essa alegria atingiu o delirio, victoriando-se com louco phrenesi os soldados da Victoria, no



Agostinho Lourenço

numero dos quaes se contaram os nossos bravos «serranos».

E' possivel que as condições do momento, resultantes das tendencias revolucionarias que se notam, não tivessem permitido que o natural jubilo de todos pela assignatura da Paz, se manifestasse com a intensidade que seria legitimo constatar n'uma situação normal.

Aludimos propositadamente — embora por forma subtil — a esse facto, para podermos dizer, ainda com que imensa tristeza, que a manter-se por mais tempo uma tal situação, todo o esforço em beneficio do Paiz é completamente inutil.

Sobeja-nos auctoridade para assim falarmos, e essa auctoridade provém da senda que vimos trilhando ha três anos consecutivos, sem tibiezas nem fraquezas, sem desfalecimentos nem descrença, simplesmente animados de sermos uteis a esta nossa querida Patria, a que temos consagrado não só os nossos maiores esforços, mas o nosso mais aturado e extenuante trabalho, n'uma lucta sem treguas com todos os obstaculos. Porque, — é bom que es saiba, — a publicação da *Revista de Turismo* durante os seus três anos de existencia, não tem tido outro fim, como não obedecerá, jámais, a outro intuito que não seja o do engrandecimento da Patria Portugueza.

A sua manutenção, muito longe de proporcionar quaesquer beneficios, tem causado prejuizos de toda a ordem, incluindo os financeiros, que todavia suportamos com a consciencia d'um dever a cumprir.

Não é, porém, animadora a perspectiva que se está desenhando, não já pelo que propriamente nos interesse d'uma fórmula directa, mas pelo que importa aos interesses colectivos d'este Paiz, que não é só de meia duzia de libertinos, nem, tampouco, feudo de politicos; mas sim de seis milhões d'almas que precisam de socego para viver, de ordem para trabalhar e das garantias indispensaveis aos beneficios do seu trabalho para o desenvolvimento progressivo da economia da Nação.

Como é para esse fim que tambem trabalhamos, defendendo a mais interessante e proveitosa industria que ha no mundo, teremos de renunciar á satisfação dos nossos desejos se vier

mos a constatar que a politica continua a sobrepôr-se ás mais instantes necessidades nacionaes e que, portanto, a nossa obra é improductiva.

Ela tem sido modesta, não ha duvida; mas sem exaltar os resultados da nossa acção, limitamo-nos a apresentar as colleções dos nossos três anos de existencia, onde os verdadeiros patriotas teem base de sobejo para formular o seu juizo. E, certamente, ele autorisar-nos-ha a dizer que se torna absolutamente necessario que se entre n'uma vida normal, de calma e de ordem, em que não seja paradoxal falar-se em Turismo. Só assim se comprehen-

derá a existencia d'uma publicação da indole da d'esta Revista.

Ao entrarmos no nosso novo ano, não podemos deixar de saudar todos aqueles que se teem interessado pela manutenção da nossa Revista, os colaboradores que desinteressadamente lhe teem prestado o seu melhor concurso, bem como os nossos verdadeiros amigos, assignantes e anunciantes.

D'uma fôrma especial, tributamos tambem aqui o nosso reconhecimento aos nossos collegas da imprensa que, com palavras de louvor e de carinho, se teem sempre referido à *Revista de Turismo*.

Manuel Emydio da Silva. Jornalista dos mais distinctos, verdadeiro homem de sociedade, pela sua basta cultura intelectual, patriota extreme, é—como é sabido—um dos mais estrenuos defensores da industria das viagens em Portugal. O seu illustre nome está ligado a obras de importante vulto sob a egide da Sociedade Propaganda onde occupa com merecido louvor o logar de Presidente da Comissão de Hoteis.

Dr. José d'Athayde, o activo e intelligente Director da Repartição de Turismo, a quem a nossa Revista tem merecido espezias atenções. O seu nome é, já, por demais conhecido e respeitado, para que possamos alongar este nosso panegirico.

Arthur Bual. Distincto engenheiro, subdirector da Exploração do Porto de Lisboa. Este illustre nome desdobra-se ainda no d'um entusiasta cultor da esgrima e no d'um acerrimo defensor do turismo em Portugal.

Pela sua posição de verdadeiro destaque, pelas suas lidimas qualidades de portuguez e pelas suas excepçoes faculdades de trabalho, é um dos preciosos elementos a contar no progresso da industria das viagens no nosso paiz.

Ferriando Mendes. E' um dos nossos mais queridos colaboradores, que nunca esquece o aniversario d'esta Revista, a que consagra uma verdadeira estima. Os seus muitos afazeres não lhe permitem, porém, que a sua colaboração seja assidua,

A "REVISTA DE TURISMO,"

NOVO ANO

COMEMORANDO o inicio do quarto ano de existencia d'esta Revista, o presente numero insere uma especial e obsequiosa colaboração dos vultos mais importantes no meio turistico portuguez.

Associando-se entusiasticamente á nossa obra, esses illustres homens de sciencia quizeram assim prestar, além d'uma penhorante honra que muito nos desvanece, o

causa que defendemos. Antigo jornalista e propagandista das belezas de Portugal, o



José Lisboa

seu mais completo aplauso á nossa orientação e o concurso inestimavel do seu incitamento para proseguirmos n'esta senda de que eles se confessam verdadeiros admiradores.

São autenticas autoridades de Portugal que assim se nos dirigem, e isso nos serve de lenitivo ás asperezas—e tantas tem sido—que temos experimentado para manter integro, honrado e serio, respeitado e desejado (desculpe-se-nos a imodestia) este orgão que é o unico que em Portugal se consagra ao turismo.

E', pois, com intimo jubilo que assim vemos coroados, em parte, os nossos esforços, cujos resultados se evidenciam nos brilhantes escriptos dos illustres colaboradores do nosso numero de hoje, que são:

Magalhães Lima, o velho patriarcha do turismo, presidente do Conselho de Turismo e que tanto se tem dedicado á patriótica



Guerra Maio

seu nome representa uma individualidade no nosso meio.

Pedro d'Oliveira Pires, o sympathico Director da Sociedade Propaganda de Portugal e que a essa Sociedade e á causa que ela defende—que tambem é a nossa—tem consagrado o melhor da sua vida.

Verdadeiro turista, na aceção do termo, tem sido o mais forte esteio da defeza dos legitimos interesses do nosso paiz, e da organização dos nucleos de propaganda que a Sociedade, de que é illustre e indispensavel ornamento, tem conseguido instalar em diversos pontos de Portugal.



J. Fernando de Souza

como desejavamos, porque o seu nome impõe-se pela correção das suas apreciações a que a sua vasta intelligencia põe uma nota de atrahente interesse.

E', por igual, um apaixonado pelo turismo, e assim se explica a sua grande sympathia pela nossa obra.

Ramos de Paiva. Serrano da gema, patriota sem limites, tem sido a alma da propaganda da Serra da Estrela. E' um alpinista verdadeiramente apaixonado, como é um turista na mais pura aceção. A nossa Revista merece-lhe uma especial deferencia—a de n'ela colaborar, sempre que os seus afazeres lh'o permitem.

Antonio Boto. Esmalta hoje a nossa pagina literaria, o retrato do seu obsequioso redactor; e assim temos o grande prazer de apresentar em verdadeira effigie o auctor de tantos e tão sublimes trabalhos poeticos que os nossos leitores teem apreciado em os numeros d'esta Revista.

Poeta dos novos, mas alma de raça, Antonio Boto é verdadeiramente portuguez no espirito, no sentimento, na sensibilidade, na concepção das maravilhas da natureza, na tradução dos ideaes humanos que ele tão bem sabe traduzir sob a inspiração da sua genial veia poetica.

Ilustra tambem as nossas paginas o re-



Antonio de Vasconcellos Correia

trato do Sr. Conselheiro Engenheiro Fernando de Souza, que a absoluta falta de tempo não permitiu, como era seu e nosso ardente desejo, colaborar n'este numero da nossa Revista.

A biographia d'este verdadeiramente illustre homem de ciencia e de letras esta sobejamente traçada com merecida e justa distincção para que editemos de novo o que

penas autorisadissimas lhe teem consagrado.

Como velho apostolo do turismo prestamos-lhe esta singela homenagem, aliás insignificante para quem tem sido sempre um patriota além dos mais briosos, legitimamente credor de inestimaveis beneficios á sua e nossa querida Patria.

Inserimos tambem as fotografias dos proficientissimos engenheiros Srs. A. de Vasconcelos Correia e Manuel Roldan y Pego,



Manoel Roldan y Pego

ambos Directores da Sociedade Propaganda, que são dois denodados campeões da industria do turismo em o nosso paiz, ao qual esses distinctos homens de ciencia teem prestado relevantissimos e louvaveis serviços, como o atesta a sua briosa ação dentro d'essa prestimosa Sociedade a que qualquer d'eles tanto quer.

Damos, tambem, em estampa o retrato do abalisado clinico Dr. Bentes Castelo Branco, sobresaee egualmente na pleiade dos vultos de turismo de que damos as fotografias, como simples mas sincero tributo pelo muito que teem feito em pról dos interesses de Portugal pelo turismo.

No proximo numero publicaremos um importante artigo sobre um dos mais interessantes assumptos.

Muitos outros illustres colaboradores d'esta Revista nos enviaram as suas saudações e brilhantes escriptos; porém, o nosso espaço é, infelizmente, limitado, não nos permitindo



Dr. Bentes Castel-Branco

bem a nosso pezar, que lhe demos publicidade no presente numero.

Assim fechamos o ciclo a que hoje damos honrosa guarida, inserindo mais os retratos do pessoal da casa: Director, Secretario e do Redactor principal, cujas biographias deixamos á apreciação de quem nos ler...

NA SANTA CAUSA

FIEL ao seu programa eminentemente patriótico, a *Revista de Turismo* entra no seu quarto ano de existencia, robustecida na sua razão de sêr pelas provas obtidas da consideração que a envolve, radicada na opinião geral pelo acolhimento que lhe tem sido dispensado desde o primeiro numero.

Não desconhecemos a estreiteza do meio em que teem de viver as iniciativas portuguezas. Só um esforço invulgar, amiude roçando mesmo pelo sacrificio; só uma energia incessante, depurada no cadinho d'um desinteresse verdadeiro; só uma vontade inquebrantavel, ao serviço d'um amor patrio sem limite; só todas essas qualidades reunidas conseguem, através de desilusões, de trabalho insano, de obstaculos e de quisilentas surpresas, realisar o prodigio, entre nós, de fazer vingar uma iniciativa honesta.



Fernando Mendes

A *Revista de Turismo*, pela sua orientação, pelos seus intuitos, pela sua indole, tem na imprensa um lugar de destaque. Vem prestando, ha três anos, relevantes serviços ao espirito nacional, despertando-o para um desfôgo maior, para uma existencia mais consentanea com os mundiaes progressos do seculo, rasgando-lhe novos horizontes, fazendo-o pairar sobre as grandes concepções modernas. Vem acalentando, na sua previsão de apaixonado impenitente, a esperança d'um Portugal perfeito, que possa ainda mostrar-se a estrangeiros sem receio de comentarios deprimentes. Vem fazendo a obra gigantesca, tão elevada nos seus fins como na sua modestia, de pugnar pelo bom nome portuguez, n'uma propaganda intensa. Deve ter, por isso mesmo—suprema ironia da sorte!—torpeçado com entraves, com contrariedades, com insinuações, que constituem, em regra, o luzido cortejo das boas intenções.

Mas a Empresa, assim como a criou no mais acrisolado dos sentimentos—

o patriotismo; assim como a embalou no mais tranqüilo berço de arminhos — a consciencia d'um dever; assim tambem lhe dedica todos os seus desvelos, atapetando-lhe de louvaveis incitamentos a parte espinhosa do caminho a seguir.

Saudemol'a, pois, e que tão benemeritos esforços continuem a alicerçar o triumpho da sua causa santa.

FERNANDO MENDES

Junho, 1919

Ao correr da pena

E' BOM SAHIR...

Lisboa, 27 de Junho de 1919.

...Sr. Director da «Revista de Turismo»

Acabando de chegar d'uma viagem, longa, em tempo e em extensão, por varios paizes da Europa, onde me chamaram as inadiaveis necessidades das minhas obrigações officiais, vim encontrar o penhorante convite de V. Ex.^a para escrever um artigo sobre Turismo para a sua tão interessante como util Revista.

Ainda mal arrumadas as bagagens e apontamentos trazidos, não me sobeja, nem mesmo me chega, materialmente o tempo, para engendrar qualquer coisa de geito sobre as minhas — e tantas são! — ultimas impressões, pois, segundo me comunica V. Ex.^a, o numero da Revista para que me pede colaboração, deve sair na dia 5 do mez proximo.

O que eu não posso adiar é a manifestação do meu reconhecimento pelo convite imerecidamente me foi endereçado, mas contudo, ao correr da pena, e tão depressa como m'o permite uma montanha de serviço que tenho na minha frente e a que ainda hoje terei de dar despacho, não me furto à tentação de dizer-lhe que por cada vez que saio do meu paiz, se radica mais fortemente no meu espirito a opinião formada de que pratica um acto criminoso todo aquelle que, podendo faze-lo, não emprega os seus melhores esforços para atrair a Portugal a ondulatoria corrente do turismo mundial, pois apesar de todas as belezas a disfrutar no estrangeiro, muito aqui ha que vê e admirar para um espirito disciplinado de turista, ávido de sensações novas e imprevistas.

Lá vae a eterna boutade, grande e clara como a verdade: «para que isso se consiga é necessario proporcionar ao visitante as indispensaveis comodidades e conforto a que tem direito quem se desloca e vae deixar o seu dinheiro a um paiz extranho, em troca das impressões inéditas que o mesmo haja de proporcionar-lhe».

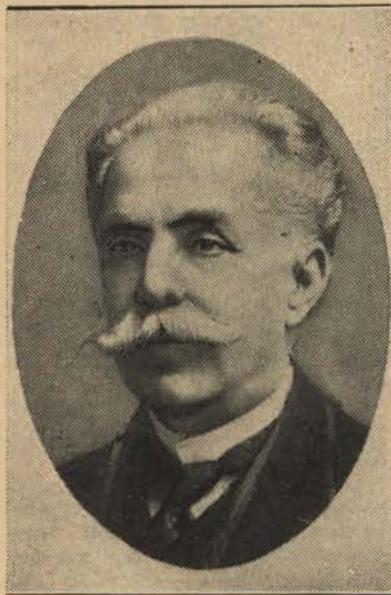
Para isso é necessario que se olhe com toda a atenção o problema de hotéis e estradas, sendo .. não temos nada feito.

Como me reservo para mais tarde, se o desejar, lhe comunicar a resenha das impressões que esta viagem me deu, vou terminar já, significando-lhe, sem desprimor para os meus incorregiveis desejos de viajar — em busca, como Juan Ponce de Léon, de «algo meo» —, todo o enthusiasmo que eu nutro pelas inigualaveis belezas do nosso paiz, n'esta afirmação comovidamente sentida e sincera — «é bom sair, quando mais não seja, só pela inestimavel anciedade de voltar».

De V.... com toda a consideração,

A. DE SOUSA BUAL.

A MINHA CONTRIBUIÇÃO



VENHO pagar a minha contribuição anual à *Revista de Turismo*. Nem todas as contribuições se pagam com inteira satisfação. Para mim, porém, o pagamento d'este imposto é mais do que um dever — é uma devoção. Corresponde a um acto da minha alma, solidario com os meus estimaveis companheiros e reconhecidissima aos redactores da interessante *Revista*, pelos serviços prestados á obra comum. Cada ano me é dado assinalar novos progressos da parte dos intemeratos propagandistas. E, agora, que a guerra terminou, o ardôr ha de certamente redobrar. Do desenvolvimento do Turismo, depende a valorisação economica do nosso paiz. A *Revista de Turismo* é, pois, na imprensa periodica, um factor de engradecimento nacional. Bem merece o aplauso e o concurso de todos os que amam a linda terra portugueza e a desejam vêr exaltadas por nacionaes e estrangeiros.

MAGALHÃES LIMA

NO ANIVERSARIO DA «REVISTA DE TURISMO»,

Humilde collaborador da grandiosa obra de propaganda das bellezas da nossa terra, é com verdadeiro jubilo que me associo á celebração do 3.^o anniversario da «Revista de Turismo», publicação sobremaneira interessante, á qual deve já muitos serviços a causa do turismo nacional.

Faço sinceros votos pelas prosperidades de tão prestimosa Revista, fazendo-os igualmente por que consiga vencer a indifferença d'aquelles, que não têm na devida conta a importancia capital, que para o progresso do nosso paiz pode resultar



do conhecimento exacto do muito, que elle encerra, de verdadeiramente digno de ser conhecido e apreciado.

1-7-919 PEDRO DE OLIVEIRA PIRES

SAUDANDO

PENHORADO pelo vosso amavel convite, sinto verdadeiro jubilo por novamente poder colaborar na interessante e, por todos os modos, valiosa «Revista de Turismo.» Erudita, superiormente dirigida, profusamente ilustrada, atravessou este longo periodo, de dura incertesa, consequencia da mais torturante de todas as calamidades. Esta guerra, porventura sem ter atingido o fim a que vi-



sava, apenas perturbando, derruindo, desmoronando, foi uma tentativa nefasta, d'onde, que eu notasse, não adveio um unico beneficio compensador para a civilização dos Povos.

Mas... pensemos no Turismo. Brademos bem alto, insistamos sempre, que é forçoso que o Turismo preocupe o animo da maioria dos portugueses.

Que se nos afigura preferivel, como temos dito, intensificar a nossa propaganda, não tanto pela Europa dentro, como por esses países novos, riquissimos de alem do Atlantico — as Americas.

E, a proposito, permitam-me que lhes conte o que me tem sucedido todas as vezes que visito a incomparavel Suissa. Dos 750.000 turistas que, por ano, entram, em media, as fronteiras d'aquella republica ideal, tenho encontrado: brasileiros, chilenos, mexicanos, argentinos e varios reis e principes do ferro e do petroleo norte-americanos.

Com bastantes d'esses potentados tenho trocado impressões acerca do meu feracissimo, formosissimo Portugal, transformando, a alguns, a surpresa na convicção de que somos uma nacionalidade independente, inteligente e culta, uma republica erguida sobre

os escombros d'um reino muitas vezes secular.

E ao verem as fotografias e positivos (minha companhia inseparavel) dos nossos monumentos, dos nossos costumes, das nossas deliciosas paisagens, com as suas quedas d'agua e rios candolosos e montes de cristal nevados; e quando lhes falo do azul do nosso ceu, mais puro que o da Italia, da doçura do nosso clima, a nenhum outro comparavel; e quando lhes recordo os nomes gloriosos de Camões, Gama e Albuquerque, convencidos ficam de que somos um povo feliz, uma raça sedenta de liberdade que deu á Civilização os mares e e novos mundos e á Historia paginas brilhantes de tenacidade, abnegação e de heroismo.

Quantas vezes tenho sentido a ancia de pedir-lhes que venham até nós, que subam as nossas montanhas, onde se realisam maravilhosas curvas; que se banhem nas nossas praias, onde o mar, ora sereno como um lago, ora revoltado como um protesto, se desfaz em caricias beijando a areia branca; que tratem dos *arcaboços* nas nossas termas, que são outras tantas «Lourdes» miraculosas!

Tudo temos e do melhor que existe! Mas...este sarcastico *mas!* Onde ha estradas para turismo!? Os Palace-hoteis, Riviera-hoteis, os «Belle-vue», os Metropole?... Onde ha educação, a arte de atrair, prender, suggestionar?... «Eis a questão!»

Lisboa, 1919 RAMOS DE PAIVA

NO NOVO ANIVERSARIO

MEU CARO JOSÉ LISBOA

A tua carta pedindo-me um artigo para festejar, nas colunas da *Revista de Turismo*, a data famosa do seu glorioso aniversario, chegou-me ás mãos dias depois de escripta, no meu regresso d'uma rapida viagem pelo Vale do Vouga e d'um curto *séjour* numa linda aldeia da Beira Alta, onde passei deliciosamente as horas do calor, á sombra de arvores seculares, perto da agua corrente, comendo quantidades assombrosas de morangos, de morangos, sabes?, uma cousa de que aqui, em Lisboa, nos mais modestos restaurantes, meia dose custa um conto e quinhentos...

O teu pedido veio encontrar-me muito bem disposto, muito satisfeito; e eu fiz logo tenção de te enviar um substancioso e erudito artigo sobre a *evolução historica do hotel ou da estalagem de hontem ao hotel dos nossos dias...*

Eu volto sempre entusiasmado da Provincia. Venho com a vista regalada das lindas cousas que vejo, monumentos que desconhecia, panoramas em que os meus olhos, surpreendidos, se embeberam demoradamente, sitios deliciosos que um pequeno e confortavel hotel transformaria facilmente n'um centro de adoraveis excursões...

E' então que a minha imaginação — entontecida sem duvida, giza os planos mais audaciosos, traça caminhos de ferro com os ultimos aperfeiçoamentos, constroe hoteis com as maiores comodidades, rasga novas estradas e repara carinhosamente as existentes, defende os monumentos dos assaltos dos vandalos e protege-os contra as devastações dos tempos, enriquece os museus, funda escolas hoteleiras, modernisa as

praias e estancias de aguas, impede a estúpida tendencia para a «desregionalização», desenvolvendo o gosto pelos trajés tão pitorescos das nossas provincias; n'uma palavra — concebe e executa a obra indispensavel que o nosso Turismo reclama.

Mas mal me acerco do Terreiro do Paço — ai de mim! — logo reconheço a impossibilidade de se realizarem todas estas cousas tão belas e tão uteis. Não é



porque não haja boas-vontades — boas-vontades não faltam — mas simplesmente porque não existe, para lhes dar corpo e vida, a verba precisa.

Não sei se sabes que todas as iniciativas n'este paiz, as mais arrojadas, as mais bemfazejas, as mais utilitarias, sossobram por falta de verba. A verba é tudo e sem ella o paiz, tropego, os membro locomotores tolhidos, não póde dar um passo. De quando

em quando ocorre uma crise ministerial e entra no Ministerio das Finanças, um homem cheio de talento e de energia só comparaveis... ás do que acaba de sair...

O paiz então, queixoso e gemente, lança para o recém-chegado um olhar cheio de esperanças.

Será este o Messias? Será este o Salvador? Entretanto chovem nos jornaes as notas officiosas, desvendando as medidas beneficicas e salutaes do novo claviculario do tesouro. O paiz sorri, ergue os braços para o ceu e exclama: «é este o homem; vamos ter verba»...

Pobre paiz confiante e ingenuo!

O ministro cae. Entra um outro ministro e a verba nunca chega. E' assim que por falta de verba, por falta de *pecunia*, em vez de vivermos uma vida desafogada, cá nos vamos arrastando na cauda das outras nações, olhando para o ceu na esperança de que sobre nós caia o divino maná, e estabelecendo em materia de economia politica a seguinte formula:

«*Não fazemos nada, porque não temos verba...*»

«*Não temos verba porque não sabemos onde a ir buscar...*»

Meu caro amigo: Lembrando-me da pobreza do Estado e da acanhada iniciativa dos particulares, — esta ultima que só se revela em sociedades de seguros e em clubs de batota, ponho de parte a ideia do artigo conceituoso e doutrinario. Para quê? Em materia de Turismo está dito tudo. Melhor ou peor tudo está repisado.

Não te mando, pois, o artigo, pelo que te peço mil desculpas. Envio-te, porém, montanhas de parabens pela perseverança com que tu e os teus amigos, n'um terreno safaro e ingrato, com uma fé inquebrantavel e com um patriotismo inexcusable, vêm lançando punhados de boas sementes, que maistarde ou mais cedo, por mais bravo e aspero que seja o solo para que as deitam, hão-de germinar, florir e produzir os fructos abençoados que as gerações vindouras, reconhecidas, colherão ás mãos cheias...

Lisboa, 15 de Junho de 1919

JOSÉ D'ATHAYDE

O PROBLEMA HOTELEIRO

HA um aforismo turistico, cuja citação me não canço de repetir: *c'est l'hotel qui fait la villegiature*. Paiz dotado com um clima de inverno excepcionalmente benigno, as vilegiaturas portuguesas não se limitam ao campo, ás praias, ás termas e á montanha, abrangem tambem algumas das cidades mais interessantes das nossas provincias e a propria capital, que pelo seu porto de mar e pelas vias ferreas que a ela convergem é um dos mais belos caes da Europa e é a testa da linha principal dos caminhos de ferro internacionaes do ocidente.

A' iniciativa da *Propaganda de Portugal*, efectivada por meio de um apostolado de benemeritos missionarios e ainda pelo incitamento de concursos com premios; á sua insistente propaganda pela palavra e pelo facto, em que a patriótica sociedade vem empenhada desde a sua fundação, devem-se incontestavelmente melhoramentos importantes em alguns hoteis de Lisboa e Porto e, principalmente, das estações termaes e de vilegiatura, entre outros os de Entre-os-Rios (Estancia da Torre), Paços de Ferreira, Vizella, Caldas da Saude (St.º Tyrso), Amarante, Valença do Minho, Arcos do Val de Vez, Pedras Salgadas, Geréz, Caldas das Taipas, Vizeu, Luso, Coimbra, Caldas da Rainha, Cintra, Mont'Estoril, Faro, etc. Alguns hoteis desses centros de turismo, ostentam a placa azul da «Propaganda» a reco-

menda-los pelas suas instalações, as «sanitarias» principalmente, cuja transformação, n'estes ultimos anos, tem sido objecto de uma campanha tenaz e vitoriosa d'aquella sociedade. Alem desses *indispensaveis* melhoramentos, outros hoteis instalaram canalisações e agua quente e fria ou só fria para os



quartos, salas de banho, calefacção central, iluminação electrica, campanhas electricas, frigorificos, etc., melhoramentos estes que ha uma duzia de anos, a esta parte, não existiam na quasi totalidade dos hoteis da provincia!

Se qualitativamente a industria hoteleira tem sido melhorada, principalmente a do norte, quantitativamente póde dizer-se que ela atravessa uma séria crise que se opõe ao minimo desenvolvimento do turismo internacional. A assinatura da Paz veio encontrar Lisboa e Porto em condições desvantajosas para explorar a *industria dos estrangeiros*, que tantos pai-

zes de climas inferiores ao do nosso, (o Sul da França e a Suissa, por exemplo) exploram até no inverno, graças á capacidade de recepção dos seus hoteis! Lisboa, nos ultimos anos, viu desaparecer alguns dos seus maiores hoteis, substituidos em grande parte por escritorios de diversas empresas e por grandes armazens! Assim deixaram de existir o «Central», o «Bragança», o «Europa» O «Universal» .. Se houvesse entre nós uma estatistica como existe na Suissa, que anualmente indicasse a relação entre o numero de camas oferecidas pelos hoteis e ocupadas pelos hospedes, ver-se-ia que o coeficiente da hospedagem em Lisboa atinge um maximo que aconselha o emprego immediato de capitães importantes na industria hoteleira com segura remuneração. E não sómente em Lisboa e Porto mas tambem em Cintra, no Estoril, em Luso, na Figueira da Foz e em todos os sitios onde na quadra estival o numero de pedidos de quartos está excedendo espantosamente a capacidade dos pequenos hoteis que possuem as nossas vilegiaturas!

Em Lisboa, a crise hoteleira complica-se com a falta de uma lei que favoreça a construcção d'esses grandes *dreadnoughts* de que o turismo moderno dispõe no estrangeiro e que se tornam impraticaveis aqui pela falta absoluta de terrenos vagos, pela carestia dos edificios aproveitaveis para a industria hoteleira e pelas fabulosas indemnisações que leis de excepção concedem aos logistas dos predios que poderiam ser transformados nos grandes hoteis de que necessitamos se quizermos atrair a Portugal não sómente o turismo internacional, mas até os proprios viajantes que vierem tratar de negocios.

Lembrou-se alguém, em França, onde os americanos açambarcaram uma parte da industria hoteleira de Paris, do governo ceder alguns quartes da guarnição, *cuja effectivos o tratado da Paz vae diminuir sensivelmente*, para serem transformados em grandes hoteis...

Se o nosso governo cedesse os do Castelo de S. Jorge, ou o do Carmo ou mesmo o de S. Francisco de Paula, vastos edificios d'onde se disfrutam alguns dos mais belos panoramas que será dado contemplar, talvez surgisse logo uma poderosa empresa para construir um d'estes hoteis, que qualquer capital da Europa, central ou occidental, de ha muito possui já.

O que se torna urgente é resolver o problema hoteleiro.

M. EMYGDIO DA SILVA

Presidente da Comissão de Hoteis da Propaganda de Portugal

ARTE E LITERATURA*TROVAS AO MEU AMOR*POR ANTONIO BOTTO

Deste-me um cravo encarnado
 E eu não sei o que lhe fiz;
 Não digas que me deixaste,
 Pois fui eu que te não quiz.

Adeus, que me vou embora!
 Adeus, que me quero ir!
 — Pranto, por que vens aos olhos,
 Quando a gente quer partir?

Veem folhinhas de cravo
 Na carta que me mandaste;
 ¿Serão folhas? Serão beijos,
 Ou lagrimas que choraste?

O lenço que tu me déste
 Perdi-o na romaria:
 Já não torno mais a ter
 Prenda de tanta valia.

N'este cravo que te mando,
 N'este cravo que eu colhi,
 Vão mil beijos de saudade,
 Vão mil beijos para ti!

Desde o dia em que partiste
 — Quer me acredites quer não,
 Eu trago a morte commigo,
 Dentro do meu coração.

No ramalhete de cravos
 Que á tua porta deixei,
 Vê se descobres, Maria,
 Aquelle que eu mais bejei.

Trago a alma quase morta
 — São saudades de te vêr!
 Quem te pudesse abraçar!
 Quem te pudessê esquecer!

Tudo que é triste me alegra,
 Tudo que alegra faz bem;
 Eu só encontro alegria
 No que alegria não tem.



A EXPANSÃO DE PORTUGAL

A AÇÃO DO "BUREAU", DE PARIS

A obra patriótica da Sociedade Propaganda de Portugal começa, no estrangeiro, a sortir os seus efeitos.

O facto da instalação definitiva, que se está fazendo, do seu *Bureau de Renseignements*, de Paris, na grande propriedade que ha pouco foi adquirida pelo importante Banco Ultramarino, é sobejamente animador, por colocar essa agencia de Portugal n'um plano de verdadeiro destaque. Acresce ainda a situação privilegiada d'essa propriedade, que se acha mesmo no coração da capital da França, o que muito facilita o acesso ao *Bureau de Renseignements* e o desenvolvimento da sua ação em prol do nosso paiz, não só informando de tudo que possa interessar o turista, como, tambem, fazendo exposições de artigos portuguezes, para o que dispõe de logares adequados.

Sobre o auxilio a prestar aos nossos compatriotas que vão aquella cidade, no que respeita a indicações e informações de toda a sorte, nenhuma outra agencia poderá vir a estar habilitada como este «Bureau.»

Alem d'estas excepcionaes condições, outras ha que são seguro penhor do seu bom exito. Uma d'elas é a reunião no mesmo prédio, das instituições portuguezas representadas em Paris, taes como a sucursal do Banco Ultramarino, a Camara de Comercio Portugueza agora creada, o consulado, etc.

Outros *Bureaux* dependentes d'este, funcionam já em Bordeus, Rennes, Génève, Berne e Lauzanne, sob a direção de pessoas de elevado sentimento patriótico e verdadeiros amigos de Portugal.

E' bom aqui recordar que Portugal é um paiz vagamente conhecido no estrangeiro; nem é preciso ir muito longe para, infelizmente, se verificar esse facto.

Em Madrid, por exemplo—a mais proxima capital estrangeira, onde anualmente vão milhares de portuguezes, propriamente de visita á animada cidade hespanhola, ou de passagem para Paris—raro se fala da nossa terra, e mais raro ainda se encontram pessoas com desejos de vir a Portugal. Em Barcelona, pior ainda; e em Sevilha, succede o mesmo do que em Madrid.

Em Londres tambem pouco se ouve falar no nome da nossa Patria e muito menos é lembrada uma visita a este

unico jardim da Europa, o que é muito para deplorar atendendo ao espirito turistico que existe entre os inglezes.

Em Nova-York gosávamos, até á partida do aviador Read, d'um perfeito anonymato. Se formos a Bruxellas, a Colonia ou a Roma, o desconhecimento da nossa terra é n'elas completo.

No Brasil, onde temos muitas centenas de milhares de compatriotas e alguns milhões de pessoas em cujas veias circula o sangue portuguez, o nosso paiz está, por assim dizer, n'uma situação pouco consentanea com a sua ascendencia sobre esse emporio e com os seus interesses.

A culpa é, simplesmente, nossa. Emquanto as outras nações preparam uma condigna emigração e mantem, alem d'uma constante propaganda por intermedio de agentes especiaes, diversas carreiras de navegação absolutamente regulares para esse grande paiz, nós, se não fossem as sucursaes do Banco Ultramarino, que lá tem levantado a nossa moral trabalhadora e um ou outro portuguez mais illustre, que ali-lucta por erguer e manter sempre bem alto o nome de Portugal, estariamos já relegados para um provavel esquecimento.

E' triste dizel'o, mas é um facto.

Torna-se, pois, urgente modificar este estado de coisas.

Para isso o que é necessario fazer-se?

O *Bureau de Renseignements* de Paris, é um forte exemplo para novas tentativas, e o caminho a seguir é ampliar a ação de propaganda, estabelecendo-se um «Bureau» central no Rio de Janeiro com delegações em S. Paulo e Santos e n'outras cidades da grande republica. Um posto de informações em Madrid, com ramificações em Cadiz, Sevilha, Barcelona, S. Sebastião e ainda Gibraltar, seria tambem de grande conveniencia para nós.

D'ahi resultaria um grande encargo para a Sociedade Propaganda de Portugal, mas um auxilio igual ao concedido pelo Estado e pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes ao *Bureau* de Paris, pode ser igualmente dispensado ao *Bureau* que se estabeleça em Madrid, para o que tambem devem concorrer as Companhias dos Caminhos de ferro de Madrid—Caceres, do Norte de Hespanha, bem como a de Madrid—Zaragoza—Alicante, largamente interessadas no trafego hispano-portuguez.

Para subsidiar o «Bureau» do Rio

de Janeiro, poder-se-ha solicitar o concurso das companhias de navegação, dos Bancos Ultramarino e Portuguez no Brasil, e ainda d'outras casas interessadas no intercambio comercial entre as duas nações irmãs de raça.

Dos resultados d'esses postos de informações desde que sejam confiados a pessoal verdadeiramente idoneo, não é licito duvidar e certamente excederiam em muito a nossa expectativa.

E', porem, urgente que no nosso Paiz se vão preparando as coisas para que a finalidade d'essa empreza corresponda aos esforços que ela demanda, porque a propaganda de um paiz faz-se mais lentamente do que a constituição de attractivos necessarios para que ela tenha razão de ser.

GUERRA MAIO

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Começando com o presente numero um periodo de assignatura da «REVISTA DE TURISMO», lembramos aos assignantes que quiserem renovar as suas assignaturas o serviço que nos prestariam enviando em vale do correio para a nossa Administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, Lisboa, a importância correspondente ao novo periodo (semestre \$70 —ano 1\$40), a fim de não só não sofrerem interrupção na remessa da nossa Revista, como tambem para nos poupar as enormes despesas que hoje acarreta a cobrança pelo correio.

Os assignantes da «REVISTA DE TURISMO», procedendo d'esta forma, praticam um acto de patriotismo, pois mais uma vez beneficiam uma publicação que é unica em Portugal e que é forçoso que não acabe.

BREVEMENTE

A APARECER Á VENDA :

"Cantares,"

VERSOS DO POETA

ANTONIO BOTTO

MUSICAS DE

NICOLAU D'ALBUQUERQUE

ILUSTRAÇÕES DO PINTOR

ANTONIO CARNEIRO

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial»
Largo da Abegoria, 27 — Lisboa